

DELIRANT ISTI HISPANI OU UMA MANEIRA DEMASIADO SIMPLISTA DE VER A PENÍNSULA IBÉRICA¹

João Manuel Nunes Torrão

Há dias, quando estava a assistir a uma aula de estágio, o professor perguntou à turma se alguém conhecia alguma coisa sobre a Gália e um dos alunos, com ar de brincadeira, respondeu que conhecia muito bem o Astérix. Certamente que muitos de nós também já se deliciaram com as aventuras deste gaulês, na sua luta sem tréguas contra o poderio romano. Já seremos menos os que, com igual deleite, teremos lido algumas das histórias deste herói da B. D. escritas em latim. Ora, uma das imagens de marca desta personagem é a sua perplexidade e admiração perante algumas atitudes dos Romanos que parecem sair fora dos esquemas mentais (e normais) a que o povo gaulês estava habituado. E, perante tais atitudes, é frequente encontrarmos uma frase que, na sua concisão, nos dá a entender quão diferentes são os dois mundos que se encontram em confronto – *Delirant isti Romani*.

Se agora invertermos a situação, não nos custará admitir que, perante algumas atitudes dos Gauleses, os próprios Romanos poderiam dizer algo de parecido e exclamar *Delirant isti Galli*.

Olhemos, entretanto, para outra zona geográfica, a Península Ibérica, e vejamos se os elementos disponíveis sobre a apreciação que os Ro-

¹ A ideia que deu origem a esta comunicação surgiu ao ler o livro de F. Xavier Gómez Espelosín, Antonio Pérez Largacha e Margarita Vallejo Girvés, *La imagen de España en la antigüedad clásica*, Gredos, 1995, que trata desta mesma temática, embora, como é óbvio, com outro enquadramento e outra profundidade.

manos dela faziam nos permitem chegar a uma conclusão idêntica, sem encontrar, como é óbvio, a famosa frase aplicada directamente aos habitantes peninsulares.

Todos sabemos que, salvo raras excepções, a atitude de um povo conquistador sobre o povo conquistado se caracteriza por um certo complexo de superioridade que umas vezes se limita a alguns aspectos pontuais e outras se alarga a quase todos os quadrantes.

Para falarmos apenas dos Romanos, lembremos a atitude que foi tomada perante a Grécia, que, apesar de vencida pela força das armas, se superiorizou, de modo evidente, em termos de cultura. Este aspecto tornou-se de tal maneira claro que originou, entre outras manifestações², a famosa frase de Horácio em que este autor, de forma lapidar, exterioriza sem margem para dúvidas aquilo que já era reconhecido por todos:

Graecia capta ferum uictorem cepit et artes
intulit agresti Latio.³

A Grécia vencida venceu o seu feroz vencedor e introduziu as artes no agreste Lácio.

Esta, porém, não é a atitude normal perante um povo vencido. O mais habitual é olhar para os diversos povos que vão sendo derrotados como se eles fossem uns bárbaros que, praticamente, não tivessem nenhuns contactos com a civilização. Esta atitude pode ter duas leituras, eventualmente complementares: já que se trata de um povo bárbaro torna-se necessário conquistá-lo e introduzi-lo na civilização, mas, quando esse mesmo povo reage de forma mais acentuada às tentativas de conquista e chega mesmo a derrotar os conquistadores, há necessidade de desvalorizar essas acções atribuindo-as a um alto grau de ferocidade, quase aparentada com a dos animais. Uma eventual sobrevalorização das características de algum destes povos tem como objectivo permitir a quem os derrotar pedir a honra do triunfo que, de outro modo, não poderia alcançar.

Além disso, a visão que os Romanos apresentam da Península Ibérica está marcada pelo carácter periférico que este território – ontem como hoje – apresenta em relação ao centro de onde irradiam os exércitos e para onde se encaminham as diversas informações colhidas pelas mais diversas vias.

² Lembremos o caso de Cícero que, no discurso a favor do poeta Árcuias, faz um claro elogio à cultura grega, apontando, desde já, para a sua superioridade, e, em *As Tusculanas*, diz, sem deixar margem para dúvidas: *Doctrina Graecia nos et omni litterarum genere superabat* — A Grécia suplantava-nos na cultura e em todos os géneros literários.

³ Horácio, *Ep.*, 2.1.156-157.

Apesar da existência de diversas formas para a recolha de informações, a maneira mais usual foi a utilização das tropas nas suas rotas pela península que ora eram pacíficas ora se mostravam recheadas de recontros nada amigáveis com os diversos povos que cá habitavam.

Vejamos agora alguns testemunhos sabendo de antemão que os textos que irão ser apresentados insistirão todos numa desvalorização dos povos ibéricos e numa pronunciada intenção de os apresentar como povos bárbaros que possuem costumes que quase repugnam a um povo civilizado⁴.

Começemos por uma caracterização da terra que, desde logo, nos surge como algo de espantoso onde existem animais estranhos e acontecem fenómenos inacreditáveis.

Estrabão, na *Geografia*, aponta, com algum espanto, para a existência de diversos peixes que não só existem em abundância como têm um tamanho muito maior do que é habitual, e, além disso, possuem ainda hábitos alimentares um tanto esquisitos, nomeadamente os atuns que se alimentariam de bolotas, o que leva este autor a compará-los a porcos marinhos⁵.

Também Eliano, na sua *História dos animais*, embora diga, logo de início, e repita mais à frente que não acredita nessa possibilidade, não deixa de transmitir a eventual existência, apontada por Eudoxo, de umas aves que são maiores do que bois. É interessante o argumento utilizado para justificar a inclusão desta referência, apesar da incredulidade do autor. É que ele não deve silenciar aquilo que ouviu dizer.⁶

O próprio Plínio, na *História natural*, nos apresenta um famoso tritão de Lisboa que foi descrito ao imperador Tibério por uma delegação natural desta cidade que o tinha visto e o tinha também ouvido a tocar numa concha com a forma habitual:

Tiberio principi nuntiauit Olisiponensium legatio ob id missa uisum auditumque in quodam specu concha canentem Tritonem qua noscitur forma.⁷

um polvo gigante e estranho que gostava de vir a terra e que conseguia trepar às árvores; além disso, quando foi avistado pela primeira vez exalava um cheiro insuportável e conseguiu afugentar os próprios cães de guarda que o tinham descoberto⁸,

⁴ Trata-se de uma opção deliberada no âmbito desta comunicação já que seria possível, com um enquadramento diferente, apresentar textos em que alguns aspectos positivos da península pudessem ser detectados.

⁵ Estrabão, 3.2.7.

⁶ Eliano, *N.A.*, 17.14.

⁷ Plínio, *Nat.*, 9.9.

⁸ *Ibidem*, 9.92.

um homem em tudo semelhante aos demais, mas que habitava no mar de Cádiz, com a particularidade de esta descrição ter sido feita por cavaleiros altamente respeitáveis que o tinham visto; além disso, tinha o costume de sair da água de noite e sentar-se nos barcos, fazendo com que eles sofressem uma forte inclinação para o lado em que ele se sentava:

Auctores habeo in equestri ordine splendentes uisum ab his in Gaditano oceano marinum hominem toto corpore absoluta similitudine.⁹

e ainda o caso fenomenal de um menino de Sagunto que, no ano em que Aníbal destruiu esta cidade, voltou ao ventre materno já depois de ter nascido¹⁰.

Mas se a terra já propiciava alguns prodígios e animais que suscitavam admiração, também os habitantes apareciam com algumas características peculiares. De facto, levavam uma vida muito simples e frugal, pois, como diz Estrabão, os habitantes das montanhas praticam uma vida muito austera, bebem só água e dormem deitados no chão; além disso, para além de utilizarem alguns animais para a sua alimentação, vivem essencialmente de um pão duro feito com farinha de bolota¹¹.

Esta simplicidade de vida notava-se também nos utensílios que usavam o que leva Tito Lívio a dizer que, no saque de uma cidade, só foram encontrados utensílios próprios de povos bárbaros e de escravos¹². Além disso, havia uma hábito de higiene ou, para sermos mais precisos, de anti-higiene, que se tornou célebre para a Península Ibérica. Estamos a falar do costume de lavar o corpo e os dentes com urina que tinha estado alguns dias em cisternas.

São vários os autores que se referem a este hábito, mas vamos limitar as nossas referências a dois. O primeiro é Diodoro que, na *Biblioteca Histórica*, apresenta este hábito com grande espanto, chegando mesmo a dizer que este povos são limpos, mas mantêm este hábito repugnante e de mau gosto¹³.

O segundo é Catulo que, em tom brincalhão, tenta censurar alguém que andava sempre de sorriso escancarado, aconselhando-o a não mostrar tanto os dentes já que estes estão completamente amarelos graças ao produto utilizado para os lavar:

Nam risu inepto res ineptior nulla est.
Nunc Celtiber es; Celtiberia in terra,

⁹ *Ibidem*, 9.10.

¹⁰ *Ibidem*, 7.35.

¹¹ Estrabão, 3.3.7.

¹² Lívio, 21.50.8.

¹³ Diodoro, 5.33.

quod quisque minxit, hoc sibi solet mane
dentem atque russam defricare gingiuam
ut quo iste uester expolitor dens est,
hoc te amplius bibisse praedicet loti.¹⁴

Ora, se o seu modo de vida era austero, o seu espírito possuía características de grande simplicidade que ora provocava a admiração e o riso, ora levava os Romanos a enganá-los, dada a excessiva credulidade que depositavam nas pessoas.

Filóstrato, na *Vida de Apolónio*, narra, com grande espanto, que havia alguns povos que nunca tinha ouvido falar nos Jogos Olímpicos e que, por isso, quando lhes é comunicado que deviam fazer sacrifícios em honra da tripla vitória de Nero em Olímpia, julgaram que se tratava de vitórias militares. Além disso, nunca tinham assistido à representação de uma tragédia nem a um concerto de cítara¹⁵.

Mas se, no caso anterior, a reacção destes povos causa apenas admiração, em outra ocasião, narrada por Tito Lívio, vai causar riso nas tropas romanas. De facto, quando se encontravam cercados e prestes a ser derrotados, vêm pedir tréguas para ir à procura de reforços e quando voltam, sem os reforços desejados, a única coisa que solicitam ao pretor inimigo é que lhes dê de beber:

Vbi cum iam opera admoueret, ueniunt legati ex oppido, quorum sermo antiquae simplicitatis fuit, non dissimulantium bellaturos, si uires essent. Petierunt enim, ut sibi in castra Celtiberorum ire liceret ad auxilia acciendae: si non impetrassent, tum separatim ab illis se consulturos. Permittente Graccho ierunt et post paucis diebus alios decem legatos secum adduxerunt. Meridianum tempus erat. Nihil prius petierunt a praetore quam ut bibere sibi iuberet dari. Epotis primis poculis iterum poposcerunt, magno risu circumstantium in tam rudibus et moris omnis ignaris ingeniis.¹⁶

Se, neste caso, o comportamento desencadeia o riso, em outros, a demasiada credulidade levou a que os chefes romanos os enganassem e matassem. Apiano, quando fala da Ibéria, conta-nos dois episódios idênticos: o primeiro passado com Galba, que divide as pessoas em três grupos distintos com a promessa de atribuição de terras e depois acaba por matar cada um dos grupos isoladamente¹⁷; o segundo com Tito Dídio que procede quase do mesmo modo, mas separando os homens das mulheres e das crianças¹⁸.

¹⁴ Catulo, 39. 16-21.

¹⁵ Filóstrato, *V. A.*, 5.8.

¹⁶ Lívio, 40.47.3-6.

¹⁷ Apiano, *Hisp.*, 59-60.

¹⁸ *Ibidem*, 100.

Esta mesma credulidade, ainda que explorada em sentido diferente, se pode detectar na maneira como Sertório resolve explorar a sua relação com a corça, levando os seus subordinados a julgar que é este animal, por inspiração divina, quem lhe fornece toda uma série de informações que ele teve o cuidado de recolher em bem guardado segredo, com o intuito evidente de melhor poder comandar os homens que estavam sob as suas ordens¹⁹.

A população autóctone aparece muitas vezes rotulada com o epíteto de bandidos. Assim, Plutarco, quando descreve a vida de Mário, diz que os habitantes da península se dedicavam aos roubos e às pilhagens e que consideravam esta actividade uma bela ocupação²⁰. O mesmo Plutarco, na vida de Sertório, chama, por diversas vezes, bárbaros aos povos peninsulares²¹.

Diodoro aponta para uma grande abundância de bandidos²² e Lívio, por mais de uma vez, afirma que havia cidades que viviam praticamente sem leis e em que os habitantes se dedicavam ao roubo²³ ou então serviam de refúgio e protecção a toda a espécie de bandidos e ladrões que as utilizavam como base para todos os seus ataques aos outros lugares das redondezas²⁴.

Ora, se o facto de serem bandidos e ladrões em nada vinha glorificar os povos hispânicos, havia ainda outras características que com mais intensidade os remetiam para a barbárie e para um conjunto de costumes próprios de povos atrasados.

Assim, aparecem algumas referências a actos de canibalismo que nem algumas situações extremas justificam. Valério Máximo refere, pelo menos, duas situações em que se verificou a prática do canibalismo e censura esta atitude dizendo que se tais pessoas tinham liberdade para morrer não deveriam ter sobrevivido debaixo das condições que as levaram àquela prática²⁵.

Além disso, Plutarco refere a existência de sacrifícios humanos que, quando foram detectados, iam levando os Romanos a aplicar alguns castigos, mas, quando estes verificaram que esse sacrifício tinha sido feito

¹⁹ Cf. Plutarco, *Sert.*, 11 e 20. Esta história tornou-se célebre e foi mencionada por muitos autores, entre os quais se contam Apiano, Valério Máximo, Plínio-o-antigo e Aulo Gélíio.

²⁰ Plutarco, *Mar.*, 6.

²¹ Cf., a título de exemplo, Plutarco, *Sert.*, 14 e 16.

²² Diodoro, 29.28.

²³ Lívio, 28.22.3.

²⁴ Lívio, 35.21.1.

²⁵ Valério Máximo, 7.6.2-3.

de acordo com um costume estabelecido acabaram por não castigar ninguém²⁶.

Esta rudeza de costumes aparece ainda corroborada por mais algumas situações que, não tendo uma gravidade semelhante à dos casos acima apontados, não deixavam de mostrar até que ponto os povos peninsulares eram considerados rudes e bárbaros. Assim, causou muito estranheza, e foi considerado como sinal de rudeza de costumes, o facto de algumas pessoas que tinham sido feitas prisioneiras terem cantado cânticos de vitória enquanto estavam a ser castigadas com o suplício da cruz²⁷.

Mais grave ainda é o costume descrito por Eliano que aponta para um tratamento diferente dos cadáveres consoante o tipo de morte que sofreram. De facto, enquanto os que morrem de alguma doença têm os cadáveres ultrajados e queimados pelo fogo por se considerar que tiveram uma morte covarde e efeminada, os que morrem em combate são considerados heróis, valentes e nobres e, como consequência, aos seus cadáveres é atribuída a maior das honras: ser devorado pelos abutres já que estes são considerados aves sagradas.

Vejamos ainda mais um tópico que, embora apareça habitualmente com a intenção de denegrir a imagem dos povos hispânicos, seria visto, nos dias de hoje, como um factor positivo da sua caracterização. De facto, vários são os autores que se referem de forma explícita ao amor pela liberdade que caracterizava estes povos. Este amor era tão forte que os levava facilmente a suportar a morte quando a alternativa era o cativoiro.

Assim, Diodoro refere que muitos destes povos, enquanto se encaminhavam para o cativoiro ou se suicidavam ou davam a morte uns aos outros. Conta até, com alguma admiração, o caso de uma criança que matou as suas três irmãs e depois, tendo deixado de comer, acabou também ele por morrer para não suportar a servidão²⁸.

Díon Cássio conta que, perante a perspectiva do cativoiro, muitos guerreiros optaram desde logo pela morte e chegaram a pegar fogo às fortalezas que tinham estado a defender para acabarem juntamente com elas²⁹.

Também Estrabão refere este aspecto, insistindo na particularidade de esta característica se verificar igualmente nas mulheres e nas crianças. De facto, algumas mulheres, antes de serem feitas prisioneiras mataram os seus próprios filhos e uma criança, que, graças a esta sua condição,

²⁶ Plutarco, *M.*, 83.

²⁷ Estrabão, 3.4.18.

²⁸ Diodoro, 34-35.4.

²⁹ Díon Cássio, 54.5.2-3.

gozava de alguma liberdade, matou os seus pais e irmãos, a pedido destes, para não terem de suportar a escravidão.

Floro chega a dizer que, para alguns destes povos, habituados a uma grande liberdade, a escravatura era considerada muito mais intolerável que a própria morte³⁰. Daí que não seja de estranhar a opção, que muitas vezes foi tomada, de se suicidarem ou pedirem a alguém que os matasse para nunca se verem numa situação de perda de liberdade.

Muitos outros aspectos seriam possíveis de abordar; muitíssimos outros textos poderiam comprovar a ideia que estamos a tentar documentar, mas não parece necessário continuar. De facto, parece pacífico que os Romanos – e os escritores gregos que transmitiam as ideias dos Romanos – consideravam os habitantes da Península Ibérica como povos de segunda, profundamente marcados por hábitos próprios de bárbaros e de profunda rusticidade. Devemos, no entanto, ressaltar algumas situações particulares em que aparentes defeitos de caracterização são para nós virtudes e qualidades. Além do mais, a Península nunca assumiu, de forma consistente, uma importância fundamental para os Romanos – o que levou a que o seu conhecimento fosse a maior parte das vezes superficial – antes era considerada, essencialmente, como um ótimo e abundante local para a produção de minerais que se destinavam a enriquecer o povo conquistador.

Perante esta situação não custa imaginar que um habitante de Roma, ao ler os textos que se escreveram sobre os habitantes hispânicos, pudessem dizer profundamente admirado *Delirant isti Hispani*.

³⁰ Floro, *Epit.*, 2.33.46.